

28 – TEXTO (2013) - 3:49

**Gustavo Cerqueira
Guimarães***

* Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG (2013), onde desenvolveu a pesquisa *A espacialização do sujeito em João Gilberto Noll e Al Berto* (em contato também com Barthes). Autor do livro de poesia *Língua* (Selo Editorial, 2004) e *Guerra* (inédito). www.gustavocerqueiraguimaraes.com

Este texto foi escrito, em 2008, durante o período de atividade do grupo de leituras de Roland Barthes, que se reunia quinzenalmente na casa da professora Eneida Maria de Souza.

Posteriormente, ele foi publicado na tese de doutorado defendida pelo autor como um exercício de leitura-escrita, “fragmento”, dedicado ao Barthes.

Em 2012, o texto foi gravado em estúdio, em Florença, sob a direção de Francesca Della Monica, cantora e antropóloga da voz, quando também foi traduzido para o italiano por Lydia Del Devoto e publicado na revista do sindicato nacional dos escritores, *Le Reti di Dedalus* (Roma, ano VII), na seção “Traducendo mondi”. Aqui, apresenta-se essa gravação ao lado do “Estudo nº 11”, para violão, de Villa-Lobos.



Clique no ícone para ouvir o áudio.

IMPORTANTE: É necessário baixar este PDF para acessar os arquivos de mídia. Recomendamos o uso do **Adobe Reader** ou **Foxit**.

L. chegou primeiro, C. chegou em seguida, J. e H. chegaram depois. Fumaram. Falaram da motivação de estarem juntos a partir do reconhecimento da existência em comum (“que bom ser contemporâneo seu”): são fragmentados; a vida incita isso. É estranho. J. ficou imaginando como é difícil trabalhar e comentar Textos tão densos, em pedaços. Marcaram um encontro para o dia 31 de janeiro.

L. os instigou a ler *Sarrasine*, de Balzac.

*

Surgiu, como uma nuvem pairando, a ideia de exterior/interior. Mas fora de quê?, pergunta J., e prossegue: que história é esta de olhar o infinito?, não seria isso também uma dualidade, um binarismo?, um aqui e lá; um axioma? O lá (infinito) não seria a promessa do paraíso, lá onde eu gozo? Ou postulamos que esse infinito é uma ideia rizomática (metonímica), que o captamos em lufadas de gozo?

*

Parece que todos acordam que a origem e a natureza devem ser culturalizadas. Nenhum natural, em lugar algum, apenas o histórico. B., diz o Texto, recoloca essa cultura no movimento infinito dos discursos, montados um sobre o outro como no jogo de mão. Assim, absolveremos os ditadores? (inquieta-se L.).

*

B. sonha com um mundo que fosse isento de sentido (morreu atropelado).

*

Não se trata de reencontrar um *pré*-sentido, uma origem do mundo, da vida, dos fatos, anterior ao sentido, mas de imaginar um pós-sentido: é preciso atravessar, como o percurso de um caminho iniciático, todo o sentido, para poder extenuá-lo, isentá-lo.

Mas, para isso, qual discurso abolir? E ao revogarmos um discurso não criamos outro pleno de sentido (?). Que outras palavras usar, já que estamos *transpassados* pelas mesmas?

*

Textualizaram.

p/ Ludmilla Zago, Camila Volker e Henrique Lee, por partilhar a vida, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir; o grão da voz – presente.